

Philippe Seabra põe suas memórias roqueiras em livro

PÁGINA 3



Streaming revisita a obra de Renato Aragão

PÁGINA 5



A brasileira Miolo compra vínicola na Argentina

PÁGINA 6



2º CADERNO

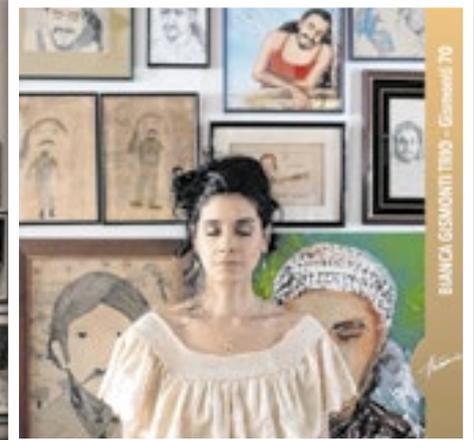
Egberto Gismonti tem suas canções revistas por sua filha no álbum 'Gismonti 70'

Em 1970 Egberto Gismonti gravou um dos mais expressivos álbuns da música instrumental: "Sonho 70". Em 2017, quando o multi-instrumentista e compositor completou 70 anos sua filha, a pianista Bianca Gismonti, concluiu que a maior homenagem e o maior presente que ela poderia lhe dar seria o de tocar a sua música. Assim nasce o álbum "Gismonti 70". O projeto gravado por Bianca e seu trio em Budapeste no ano seguinte seria mixado e lançado em 2020, mas a pandemia atrapalhou os planos. Só agora, em 2024, a instrumentista finalizou o projeto registrando as fotos que ilustram o trabalho.

"Eu queria que as fotos fossem feitas no ambiente onde morei com meu pai até os 19 anos e aonde ele vive até hoje, que é o seu canto de silêncio e grandiosidade; como um museu de arte da própria vida", conta Bianca.

O Bianca Gismonti Trio gravou "Gismonti 70" com ela ao piano e voz, Julio Falavigna (bateria) e Antonio Porto (baixo de seis cordas e violão acústico). O grupo não se detém apenas ao repertório de "Sonho 70" para embarcar de corpo e alma em criações gismontianas de diferentes períodos da obra de Egberto. Incluindo canções emblemáticas, como "O Sonho" (gravada por Elis Regina) e eternas referências instrumentais, como "Palhaço" e "Lôro", dois verdadeiros tesouros melódicos.

"Foi um período de intensa emoção, já que as suas composições traduzem parte da minha história pessoal. Desde o meu nascimento - e até hoje - venho acompanhando de perto as suas infinitas sementes desabrocharem em árvores grandiosas", conta a artista.



Bianca Gismonti:
'Ser filha de Egberto é receber uma dádiva das energias celestiais. Ser tão próxima dele significa regar esta dádiva a cada dia'

Inspirações gismontianas de geração em geração

Assim como Bianca, os músicos Julio e Antonio também possuem uma história pessoal com a música de Gismonti. "Durante minha adolescência Egberto e Hermeto eram

a fonte para quem buscava caminhos criativos como compositor ou músico instrumental no Brasil", conta o baterista. "Para mim, a obra de Egberto representa a música do silêncio, aon-

de as coisas verdadeiramente imensas cabem", define o baixista.

Após sete anos da ideia original, no mês de seu aniversário, a filha presenteia o pai com este álbum lançado pela gravadora húngara, Hunnia Records; que irá imprimir em versão física e estará disponível a partir de janeiro de 2025.

"Ser filha de Egberto é receber uma dádiva das energias celestiais. Ser tão próxima dele significa regar esta dádiva a cada dia. Seguir escrevendo a história sonora da família Gismonti nos faz acreditar que o cultivo determina que a raiz e as folhas estejam conversando e florescendo em eternidade. A música do meu pai segue representando a minha certidão de nascimento", conclui Bianca que, além da carreira solo, mantém com a também pianista Cláudia Castelo Branco o aclamado Duo Gisbranco.

Leo Aversa/Divulgação e Divulgação

BIANCA GISMONTI TRIO - Gismonti 70

CORREIO CULTURAL



Divulgação

O evento receberá dançarinos do Brasil e do exterior

Rio recebe competição internacional de breaking

2024 foi o ano de estreia do Breaking nas Olimpíadas de Paris. Dança esportiva que vem ganhando cada vez adeptos no Brasil, o Breaking é um dos elementos que compõem o Hip Hop. O Breaking é cultura, esporte e uma filosofia de vida. Em janeiro, nos dias 17 e 18, o festival Breaking do Verão, o maior do país, está de vol-

ta para a sua quarta edição, agora na Fundação Progresso, na Lapa.

O festival contará com atletas nacionais e internacionais convidados, além dos vencedores nas eliminatórias regionais da competição. Entre os b-boys, o destaque é o b-boy francês Dany Dann, medalhista de prata nos Jogos de Paris.

Othon de volta!

Devido ao grande sucesso de crítica e de público, o espetáculo “ Não me entrego, não!”, com atuação esplendorosa de Othon Bastos, retorna a temporada carioca no Teatro Vanucci no Shopping da Gávea, no dia 3 de janeiro.

Othon de volta! II

Concebido pelo dramaturgo, diretor e jornalista Flávio Marinho, o espetáculo narra a vida e o legado de Othon Bastos, o maior ator brasileiro vivo. Aos 91 anos, o veterano ator dá uma aula de teatro e de resiliência, pois viver de arte no Brasil não é fácil.

Othon de volta! III

Othon possui carreira marcante no cinema (“Deus e o Diabo na Terra do Sol”, de Glauber Rocha) e no teatro (“Um grito parado no ar”, de Gianfrancesco Guarnieri) que são lembrados em cena, numa reflexão sobre cada momento da sua trajetória.

Othon de Volta! IV

“É um momento único: meu primeiro monólogo e sobre a minha própria vida. É uma experiência muito forte eu ter que ser o meu próprio centro em cena. Levo curiosidades que vivi ao longo desses anos todos ao público”, destaca Othon.



Guilherme Veroneze e seu piano em cena do clipe de ‘Entremares’, faixa-título de seu álbum, gravado na Serra de Ibitipoca, em um pico de mais de 1400 metros de altitude

A música que vem das montanhas

As paisagens de Minas Gerais inspiram o pianista e compositor Guilherme Veroneze em seu álbum de estreia

O pianista e compositor radicado em Juiz de Fora Guilherme Veroneze lança “Entremares”, primeiro álbum de sua discografia após alguns singles e EPs. O disco traz inspiração da natureza e do universo que nos cerca e muitas vezes não vemos e foi inspirado pelas paisagens de Minas Gerais.

“Faz 19 anos que eu me mudei para Minas, saindo de São Paulo e eu nunca me canso de admirar as paisagens naturais incríveis que existem por aqui. O título ‘Entremares’ está relacionado com o relevo da região onde moro, de Juiz de Fora, os ‘mares de morros’. É fácil se perder admirando as cadeias de montanhas que formam esse verdadeiro mar e que são fonte de paz e inspiração. O meu objetivo com a música é compartilhar um pouco do que eu sinto



Divulgação

quando estou rodeado por este ‘mar’ e toda a natureza que faz parte dele”, conta o músico.

Veroneze tem sua obra influenciada por nomes como Philip Glass, Ludovico Einaudi e Yann Tiersen. Suas composições instrumentais, caracterizadas por uma sonoridade calma e contemplativa, fazem parte do cotidiano de milhares de pessoas ao redor do mundo, sendo amplamente ouvidas durante atividades como estudo e trabalho. Suas músicas estão

presentes em mais de 30 mil playlists em plataformas de streaming.

Com reconhecimento crescente, em 2021 seu EP “Um tempo” foi selecionado como Melhor Álbum Clássico do Ano pela plataforma SoloPiano.com. Recentemente, algumas de suas faixas chegaram a marca de mais de um milhão de reproduções e foram destaque em playlists editoriais de algumas plataformas de música.

O lançamento de “Entremares” acontece em parceria com o selo canadense Enjou. O artista possui parcerias também com o selo inglês Collaborative Records e com a filial brasileira da distribuidora Symphonic. No primeiro single do álbum, “Névoa”, ele se inspirou na cadência da bruma pelas paisagens de Minas Gerais e no segundo, “Same river, another river”, nas mudanças necessárias da vida. O terceiro single, a faixa-título, ganhou um clipe gravado na Serra de Ibitipoca, em um pico de mais de 1400 metros de altitude que apresenta o artista tocando durante um pôr do Sol, em um resumo visual do projeto.

O álbum do artista conta com o apoio institucional dado pelo Governo Federal e o Governo Estadual de Minas Gerais por meio da Lei Paulo Gustavo. O single Entremares está disponível em todas as plataformas de música e seu clipe, dirigido por Igor Tibiriçá, no canal do artista do YouTube.

Philippe é da Plebe

Divulgação

Vocalista conta em livro história da banda e da cena rock brasiliense dos anos 80

Por Mayariane Castro

É um calhamaço. Nada menos que 640 páginas de textos e fotos. E poderia ser maior: a versão inicial tinha 900 páginas. O livro, porém, conta uma histórica icônica. São as memórias do guitarrista e vocalista da Plebe Rude, Philippe Seabra, e da sua importância na história da cena rock brasiliense dos anos 80, que fez nascer também a Legião Urbana e o Capital Inicial, entre outras bandas.

“O Cara da Plebe” é o relato pessoal de Philippe Seabra, sobre sua trajetória, abordando não apenas os primórdios de sua carreira na música, mas também questões sociais e políticas de sua geração e de sua cidade natal. A publicação, que é mais que um simples registro da história da famosa banda de punk rock brasiliense, se expande para reflexões sobre a arte, a educação e o Brasil das últimas décadas.

O livro de Seabra é dividido em quatro atos, sendo que cada um deles explora diferentes períodos de sua vida e da Plebe Rude. Para o autor, o mais desafiador foi escrever sobre a época do auge nos anos 1980, quando a banda alcançou destaque no cenário nacional e começaram as primeiras divergências internas. Contudo, ele revela que, ao contrário de alguns relatos de músicos sobre o tema, procurou tratar essa fase de forma respeitosa e sem ressentimentos.

Em entrevista ao Correio da Manhã, Seabra afirmou que, por muito tempo, não considerou a ideia de escrever suas memórias.



Philippe: 640 páginas de memórias sobre rock e muito mais

Música, fama, juventude e política

Reflexões são resumo dos últimos 40 anos do Brasil e Brasília

Foi somente após uma palestra a convite da vice-governadora do Distrito Federal, Celina Leão, em 2018, que Philippe Seabra se deu conta de que sua experiência de vida poderia gerar reflexões que valeriam a pena compartilhar.

O livro aborda desde os primeiros passos da Plebe Rude até o momento em que Seabra deixou o Brasil, após o fim da banda. A mudança para Nova Iorque, onde viveu por seis anos, foi um ponto de inflexão, especialmente em termos

de seu crescimento pessoal e redescoberta da música. Para Philippe, o processo criativo do livro foi uma experiência inusitada. O planejamento para a obra começou ainda antes de se sentar para escrever, com ele discutindo o formato e as histórias com outros membros da banda e amigos próximos.

Segundo Seabra, a parte mais difícil foi estruturar e conectar todas as ideias, o que exigiu um trabalho minucioso para garantir fluidez e coesão. A versão inicial que ele en-



Capa do disco inicial da Plebe Rude

tregou à editora Belas Letras tinha 900 páginas, mas após a revisão, o livro foi reduzido para o formato final. “É bonito ver “a criança nascendo. Realmente escrever algo desse tamanho com o nível de detalhe e pesquisa não é para qualquer um mas também sempre escrevi muito, as letras da Plebe sempre foram grandes, algumas delas quilométricas”.

Ao longo de “O Cara da Plebe”, Seabra também reflete sobre a relação da arte com a política e a cultura. Ele destaca a importância

do rock de Brasília, movimento que teve um impacto fundamental no rock brasileiro, não apenas pela qualidade musical, mas pelo papel que desempenhou na resistência política durante os anos de ditadura militar. O autor observa que a geração da qual fez parte, e que incluiu figuras como Renato Russo, Arnaldo Antunes e outros ícones do rock brasileiro, utilizou a música como ferramenta de resistência e transformação.

Ele explica que, em Brasília, os jovens da sua geração sentiam que não havia limites para o que poderiam fazer, especialmente no campo da música e da arte. “O rock de Brasília se tornou um alicerce para o rock brasileiro”, afirma.

Em “O Cara da Plebe”, o autor também aborda questões mais amplas, como a relação da juventude com a política e a cultura, e o impacto da fama e da exposição pública. Mais que o relato de uma geração de músicos, é uma análise das transformações sociais no Brasil.



'Malu' ainda pode ser visto na telona antes da chegada do papai Noel



'Queer' pode render o Globo de Ouro a Daniel Craig

Rabanadas cinéfilas

Confira um roteiro de produções imperdíveis para conferir em telona nas vésperas do Natal

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Com a chegada de "Sonic 3" e "O Auto da Compadecida 2", nesta quarta-feira, dia de Natal, vai mudar toda a configuração do faturamento das salas de cinema, com a promessa de alteração nos balanços (já feitos aqui) acerca das maiores receitas de 2024, que, no caso brasileiro, tem o imparável "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, no topo. Muito longa-metragem há de perder tela, para a acomodação desses dois esperados blockbusters, o que inspira uma corrida pelo que está em tela hoje, principalmente as produções com perfil mais indie, inclusive aquelas com fôlego para disputar o Oscar 2025. O Correio da Manhã elenca a seguir alguns dos filmes que merecem prioridade nestes dois dias que antecedem a mudança do circuito e a farra natalina das rabanadas.

O destaque absoluto é "Queer", de Luca Guadagnino, que pode

render o Globo de Ouro a Daniel Craig, o mais recente James Bond. Sua atuação é brilhante. Com sessões em diferentes telas da cidade, incluindo o recém-inaugurado Cine Carioca José Wilker, "Queer" é uma adaptação tocante do livro homônimo do beatnik William S. Burroughs (1914-1997). No roteiro escrito pelo dramaturgo Justin Kuritzkes, fotografado pelo tailandês Sayombhu Mukdeeprom nos estúdios Cinecittà, em Roma, o imigrante William Lee (Craig, devastador) passa as noites a se emburracar no álcool, em flertes com rapazes atrás de sexo. Vive só, cercado por outros americanos expatriados como ele, igualmente carentes.

Ao conhecer o jovem Eugene Allerton, um ex-soldado (vivido por Drew Starkey), Lee acredita ser capaz de estabelecer uma ligação íntima com alguém. Acaba levando o sujeito para uma jornada pelo Equador, regada a plantas alucinógenas, em sequências que trazem o diretor argentino Lisandro Alonso no elenco, ao lado da estrela britânica Lesley Manville.



'A Favorita do Rei', de Maiwenn, persiste em circuito

Nesta segunda-feira (23), no Estação NET Rio, às 14h05, ainda é possível ver "O Quarto ao Lado", que rendeu o Leão de Ouro do Festival de Veneza ao espanhol Pedro Almodóvar. Sua trama acompanha o reencontro da jornalista Martha (Tilda Swinton) e da escritora Ingrid (Julianne Moore), que eram íntimas em sua juventude. Trabalharam juntas na mesma revista, mas Ingrid se tornou uma romancista de autoficção, enquanto Mar-

ta se tornou repórter de guerra, e elas foram separadas pelas circunstâncias da vida. Após anos sem contato, elas se reencontram em uma situação extrema, onde tudo em suas rotinas há de mudar.

Premiado com o troféu Redentor de Melhor Filme no Festival do Rio (em empate com "Baby"), o indefectível "Malu", de Pedro Freire, ainda ocupa respeitável fatia do circuito. Na trama Malu (Yara de Novaes), uma atriz de passado glo-

rioso, que se vê presa em um caos sentimental. A relação nada leve com sua mãe conservadora, Dona Lili (Juliana Carneiro da Cunha), e sua filha adulta, Joana (Carol Duarte), torna sua crise ainda mais aguda. Um amigo, Tibira (Átila Bee), que mora com ela, tenta se equilibrar em meio ao caos que se instaura naquela casa repleta de mágoas. A fotografia (belíssima) é de Mauro Pinheiro Jr.

Quem ainda não conseguiu tempo para prestigiar a (fina) direção de Maiwenn em "A Favorita do Rei" ("Jeanne Du Barry") ganhou uma chance extra do Estação NET, nas salas da Gávea e de Botafogo, às 14h. Longa de abertura de Cannes em 2023, esta reconstituição de época causou furor pela presença de Johnny Depp, em seu primeiro papel depois da luta judicial contra sua ex, Amber Heard. Em tom de folhetim histórico, a trama é baseada em fatos reais. Sua trama reconstituiu o romance entre o Rei Luís XV (1710-1774), papel de Depp, e uma cortesã, Marie-Jeanne Bécu (1743-1793), conhecida como Madame Du Barry, vivida pela própria Maiwenn.

Atração é o que não falta para a espera (nas salas de projeção) do Bom Velhinho, mas se o seu rolê é ficar em casa e se aboletar no streaming, zapeie a Paramount + atrás de "Querido Papai Noel" ("Dear Santa"), de Bobby Farrelly, com Jack Black no papel de um Diabão que, em pleno fim de ano, sobe à Terra para ajudar um garotinho a realizar seus desejos, numa (per) versão de São Nicolau. É um desempenho hilário.

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Ô, psit, é Natal!

A um passo de chegar aos 90 anos, Renato Aragão, ícone de muitas infâncias, mobiliza as plataformas de streaming com programas do passado e filmes recentes

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Maior campeão de bilheteria do Brasil entre a segunda metade da década de 1970 e o fim dos anos 2010, quando contabilizou 30 milhões de ingressos vendidos (só ou lado dos Trapalhães), Antônio Renato Aragão sopra sua 90ª velinha de aniversário no dia 13 de janeiro, embalado no amor de legiões de fãs. Todo Natal ele posta um vídeo ou uma foto inédita em sua conta no Instagram, prestigiada por 5,5 milhões de seguidores, que diariamente traz uma peripécia, seja uma brincadeira, uma reflexão ou uma recordação. Já se espera um fofo jingle bell dele neste 24 de dezembro.

Fora isso, em variadas plataformas digitais, dá para matar as saudades de suas contribuições ao audiovisual deste país. A mais recente delas é sua participação como um misto de Sr. Miyagi e Mestre Yoda no filme “Príncipe Lu e a Lenda do Dragão”, que pode ser alugado ou comprado no YouTube. Foi a participação mais recente do mais ilustre cidadão de Sobral na telona.

No Globoplay, tem três temporadas de “A Turma do Didi”, no qual o filho do casal Dinorá e Paulo Aragão desafia as leis da

gravidade no papel do Chaplin cearense que usa sua sagacidade para driblar as adversidades do dia a dia. Ainda no streaming global é possível conferir uma leva de episódios do programa “Os Trapalhães” (1977-1994), com Dedé, Zacarias e Mussum ao lado dele. Na mesma URL, a <https://globoplay.globo.com/>, Renato ataca de ator e cantor em “Os Saltimbancos Trapalhães Rumo A Hollywood” (2017), musical dirigido por João Daniel Tikhomiroff. Esse é o longa de maior visibilidade de RA hoje no país.

É possível vê-lo na Netflix e na Amazon Prime (em parceria com a Rede Telecine), além de essa lúdica produção estar sempre na “Sessão da Tarde” da Globo. Nota-se brilho em seu engenho narrativo já na abertura, na qual Aragão vai à festa do Oscar, nos EUA, buscar uma estatueta para Didi Mocó. Qualquer detalhe que se dê sobre ela é um convite a spoilers. O ideal, durante a transmissão deste poético exercício de lirismo de Tikhomiroff, é sacar quem está na plateia, quem apresenta os prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas e, em especial, como se faz a locução dela. Até Tom Hanks (ou quase) está lá. É uma crítica abrasiva num filme pautado pela doçura, que presta um tributo ao Cinema e ao Circo ao revisi-



Egresso de Sobral (CE), Renato Aragão completa 90 anos no dia 13 de janeiro

tar o clássico de Josip Brogslaw Tanko (1906-1993): “Os Saltimbancos Trapalhães” (1981). Não se trata de um remake e, sim, de um exercício de “revisitação”, de paráfrase, repaginando situações e personagens do longa original, preservando o mesmo ambiente e a mesma premissa.

Mesmo Didi não aparece com o perfil chapliniano padrão. O vagabundo errante de antes agora virou um autor. Ele é um aspirante a dramaturgo com a missão de escrever uma peça de canto e dança para salvar o picadeiro que sempre chamou de seu. Vai testar todas a sua destreza na escrita para isso.

Apoiado no roteiro de Mauro

Lima (diretor do sucesso “Meu Nome Não é Johnny”), “Os Saltimbancos Trapalhães: Rumo a Hollywood” é uma espécie de “Amarcord” de Aragão. A palavra se refere ao título de uma obra-prima do diretor italiano Federico Fellini, calcada num termo de um dialeto de Rimini que significa “eu me recordo”. É um “Amarcord” uma vez que permite a RA a chance de mergulhar em suas memórias cinematográficas, usando-as não como um documento de época, mas como matéria-prima de sonho.

A partir de um resgate do clássico de Tanko e da peça teatral homônima dele derivada (em

2014), cria-se um novo e tocante produto, calcado numa aventura de Didi para manter seu circo de pé. Seu maior algoz será o Prefeito Gavião, defendido pelo sempre titânico Nelson Freitas, que cria um vilão deliciosamente caricato.

A chance de rever esse longa hoje, às vésperas da chegada do Bom Velhinho, tem um sabor de panetone, um gostinho do Natal (o passado, o presente e o futuro).

“O Natal representa esperança. Uma nova vida para todos”, comentou RA, numa recente conversa com o Correio da Manhã. “O cinema é a minha vida. Quando falo em cinema, o meu coração palpita”.

Longa vida a Renato Aragão!

Divulgação MWG



A sede da Renacer segue uma linha arquitetônica inspirada em prédios região italiana da Toscana

Vinho brasileiro à moda argentina... Ou vice-versa?

Grupo Miolo
adquire a
Bodega
Renacer, de
Mendoza, e
desbrava novos
terroirs

Por **Affonso Nunes**

Do Vale dos Vinhedos, a Miolo Wine Group avançou pelo Brasil, desbravando novos terroirs. Em 35 anos, o grupo expandiu suas fronteiras vinícolas para a Campanha Meridional com a Vinícola Seival, em



Divulgação MWG

Detalhe dos vinhedos na localidade de Perdriel, aos pés da Cordilheira dos Andes

Candiota (RS), em 2000; no Vale do São Francisco com a Vinícola Terranova, em Casa Nova (BA), em 2001, e na Campanha Central com a Vinícola Almadén, em Santana do Livramento (RS), em 2009. Agora, a empresa expande suas fronteiras além do Brasil, estreando seu quinto terroir em Luján de Cuyo, região da primei-

ra Denominação de Origem da Argentina.

Há 20 quilômetros de Mendoza, aos pés da Cordilheira dos Andes, em Perdriel, a Bodega Renacer está situada em uma propriedade com 30 hectares de vinhedos – alguns deles com mais de 70 anos. Fundada pelo chileno Patricio Reich, a vinícola foi construída

em 2003, exibindo torres e muros inspirados na Toscana, com galerias e jardins que lembram a Itália, uma homenagem às raízes familiares. Desde 2021, a Renacer possui Certificação de Vinha Biológica, um compromisso com o meio ambiente e a produção sustentável.

Atualmente, com presença em mais de 40 países, os rótulos da bo-

dega boutique se destacam por se enquadrarem em categorias super e ultra premium. São vinhos varietais e de cortes, que utilizam castas emblemáticas como a Malbec, além de Cabernet Franc e Cabernet Sauvignon, e as brancas Chardonnay e Sauvignon Blanc, entre outras. Em seu portfólio, já obteve premiação pela prestigiada Revista Wine Spectator, entre os 100 melhores vinhos do mundo.

Além de ser uma vinícola de excelência, a Bodega Renacer também é um destino consolidado de enoturismo, oferecendo aos visitantes uma variedade de experiências imersivas que celebram a cultura do vinho e a riqueza do terroir local. A cozinha argentina, por exemplo, é destaque no Restaurante Renacer, indicado pelo Guia Michelin 2024. O menu se baseia em ingredientes frescos e sazonais, refletindo uma cozinha local, com vocação para a sustentabilidade, que, juntamente com pratos da alta gastronomia, geram sabores únicos e experiências memoráveis. Tem, ainda, a experiência Vinho e Tango, dois clássicos argentinos, passeio de bicicleta pelos vinhedos, piquenique, visitas pela vinícola e degustações.

Com a aquisição da Renacer, a Miolo entra no grupo das marcas internacionais do vinho, produzindo rótulos em diferentes regiões e estilos, oferecendo ao mercado global um portfólio amplo e diferenciado. Também, a operação em Mendoza, proporcionará ao grupo, um verdadeiro intercâmbio tecnológico, de conhecimento e de experiências.

“Para nós vai ser um passo importante na internacionalização da empresa e na expansão de um novo terroir, o nosso quinto. Com isso, também mantemos viva nossa essência de viticultores desbravadores, desde 1897, quando nosso antepassado Giuseppe Miolo chegou ao Brasil, atravessando o Atlântico para plantar suas primeiras vinhas. Agora, nós atravessamos a fronteira do Brasil em busca desse novo terroir”, comenta Adriano Miolo, diretor superintendente da Miolo Wine Group.

O melhor presente

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

As festas são períodos de lembranças, de desejo de acolhimento, de repetir o que se gosta, de congelar o tempo nesse calorão. Durante muitos anos, eu ia ao Quadrifoglio encontrar o sorriso da chef Silvana Bianchi e o prato que eu mais gostava lá e acima de qualquer massa: ravioli de pêra ao molho de gorgonzola, endro e avelãs. Pensa um prato onde tudo é certo, equilibrado e delicioso? É esse.

Silvana tem longa tradição de ser uma fada-madrinha da cozinha italiana e de todas aquelas que toca. As receitas emblemáticas, as novas possuem um raro diferencial: porções generosas, com sabores que se encontram com aquela paixão à primeira vista e que duram para sempre. Silvana, agora para nossa alegria, está no Pastrella desde o começo desse ano, e oferece um menu para as ditas festas.

Entre as opções exclusivas para esta época do ano, estão o tortelloni de batata com cogumelos cardoncello ao molho parmesão tortelloni com recheio de abóbora levemente

CRÍTICA / RESTAURANTE / PASTRELLA

Joca Vidal/Divulgação



Criações em massa da chef Silvana Bianchi

adocicada e molho bechamel; rondelli de salmão com espinafre, molho bechamel ou pomodoro; faggotini de camarão com palmito, com molho bechamel ou pomodoro e a mezzaluna de banana com pimenta dedo-de-moça com molho misto entre outras. E o rei dos reis, lá está o ravioli de pêra.

Com o tempero particular da Silvana, também estão os assados: tender bolinha assado lentamente com laranja, mel e cravo, sobrecoxa de frango recheada com legumes, ricota e temperos e rosbife de mignon, temperado com sal e pimenta, rosadinho por dentro.

Como acontece nas festas de fim de ano, a Pastrella está pronta para receber e organizar as massas nos refratários dos próprios clientes, facilitando a produção da ceia, sem perder a qualidade. “A recomendação é de 200g de

SERVIÇO

PASTRELLA

Av. Ataúf de Paiva 27 - Leblon

Segundas (9h às 16h) | terça a sexta (9h às 19h) | sábado e domingo (9h às 17h)

massa e 100g de molho por pessoa. Já para lasanha e empadões a previsão é de 500g por pessoa. Como base, usamos o modelo Marinex, retangular. O médio comporta entre 1,4Kg a 1,8Kg, e o grande, entre 2Kg e 2,3Kg, entre massa e molho”, diz Silvana. Leve seu marinex, siga as sugestões do Pastrella que nos devolveu, como um presentão, a volta de Silvana e a possibilidade de termos as festas como precisamos: encontros, ótimas lembranças, sorrisos e muito afeto.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Para enfeitar a ceia

A Torta & Cia, tradição em ótimas sobremesas, está com novidade: o bolo basco. Também oferece sabores especiais para as festas, para fazer a festa, literalmente. Torta estrela (massa de ovos moles com fios de ovos, coberta com fios de ovos); bolo casinha de especiarias (com especiarias, goiabada, maçãs, nozes e passas), sucesso com a criança e deixam a mesa ainda mais bonita; e a torta de rabanada (tradicional rabanada de Natal em formato de torta e assada no forno e a torta de figo com mascarpone).

Divulgação



Divulgação



Eu só quero chocolate

A Mundo di Chocolate celebra o sabor irresistível do chocolate e conecta culturas e tradições natalinas com a campanha Sabores que unem o Mundo. Fondue Pistachio, composto por frutas selecionadas, chocolate nobre, cobertura de creme de pistache e pistache granulado; o Fondue com Chocotone - preparado com frutas selecionadas, pedaços de chocotone e cobertura de chocolate nobre e Chocotone com Sorvete - composto por pedaços de chocotone, sorvete e cobertura de chocolate nobre ou com cobertura de pistache e pistache granulado.

Diana Cabral/Divulgação



Sorvetes natalinos

A Sorvete Brasil fechou a parceria com o chef Diego Barcellos e lança a sobremesa rocambole de damasco com acompanhamento do sorvete da marca, especialmente para a temporada natalina. O rocambole é feito com massa biscuit de amêndoas, com geleia de damasco e chantilly de chocolate branco. Detalhe importante é que o cliente pode escolher qual sabor de sorvete para acompanhar a sobremesa: chocolate trufado com amêndoas ou creme com crocante de macadâmia. Diego produz seus maravilhosos macarrons, na fábrica em Itaipava, a Barcellos Confeitaria.



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ